



CHINUA ACHEBE E O QUESTIONAMENTO DA IDEOLOGIA COLONIAL: Clube Mbari de Artistas e Escritores de Ibadan e a Conferência de Escritores Africanos de Expressão [de língua] Inglesa.

Luiza Ferreira da Silva¹

Mestrado em História (UDESC)

 <https://orcid.org/0009-0007-9097-5635>

Recebido em: 20 de janeiro de 2025

Aprovado em: 5 de março de 2025

RESUMO

A presente comunicação parte do TCC de Bacharelado em História intitulado “AINDA HÁ TODA UMA SÉRIE DE OUTRAS COISAS A FAZER”: A OBRA THINGS FALL APART DE CHINUA ACHEBE E A AFRICAN WRITERS SERIES” que defendi em 2023, orientado pela Professora Dr.^a Cláudia Mortari, e a partir das discussões desenvolvidas no segundo capítulo, tem como intuito analisar as articulações realizadas por Chinua Achebe (1930-2013) no âmbito do Clube Mbari de Artistas e Escritores de Ibadan e na Conferência de Escritores Africanos de Expressão [de língua] Inglesa. Chinua Achebe estudou na Universidade de Ibadan a partir de 1948, onde também começou a questionar o que chamou de “ideologia colonial” (ACHEBE, 1989b, p. 101) em produções literárias. Com a contribuição de Chinua Achebe, com Christopher Okigbo, Wole Soyinka, Es’kia Mphahlele e outros intelectuais, o Clube Mbari foi fundado em 1961, no contexto das lutas por emancipação da Nigéria como

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História - PPGH/UDESC. Bolsista pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Pesquisadora associada no Laboratório de Estudos Pós-coloniais e Decoloniais - AYA/ UDESC/ FAED



Estado Nacional, com a premissa de encorajar novos artistas (YESUFU, 1982, p. 55). Esta mesma proposta foi o que impulsionou a realização da Conferência de Escritores Africanos por Mphahlele em junho de 1962 (ACHEBE, 1976, p. 74) que contou com a presença de diversos escritores convidados e aconteceu em Uganda. Para compreender o lócus de enunciação (Grosfoguel, 2008) de Achebe e suas articulações nesses espaços, a pesquisa partiu de entrevistas concedidas pelo autor entre os anos de 1988 e 2008 e entrevistas concedidas por outros intelectuais também integrantes destes espaços. Para a análise das fontes, parti dos campos teórico-práticos pós-colonial e decolonial, principalmente de discussões desenvolvidas no âmbito do AYA Laboratório de Estudos Pós-coloniais e Decoloniais (UDESC/FAED).

PALAVRAS-CHAVE

História, Nigéria, Chinua Achebe; Decolonialidade.

Introdução

A presente produção tem como ponto de partida o Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em História intitulado “AINDA TODA UMA SÉRIE DE OUTRAS COISAS A FAZER”: a obra *Things Fall Apart* de Chinua Achebe e a *African Writers Series*” que defendi no segundo semestre de 2023, orientado pela Professora Dr.^a Cláudia Mortari. Tenho como intuito analisar as articulações realizadas por Chinua Achebe (1930-2013) no âmbito do *Mbari Artists and Writers Club of Ibadan*² (Clube Mbari de Artistas

² Para melhor compreensão da discussão usarei a versão dos nomes traduzido dos lugares e eventos.



e Escritores de Ibadan³) e na *Conference of African Writers of English Expression* (Conferência de Escritores Africanos de Expressão [de língua] Inglesa⁴), a partir das discussões desenvolvidas no segundo capítulo.

O desenvolvimento da pesquisa surge no âmbito do Laboratório de Estudos Pós-coloniais e Decoloniais – AYA vinculados a Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC/FAED, espaço no qual compartilho desde 2020 e em que fui introduzida à literatura de Chinua Achebe. O espaço do AYA Laboratório contribuiu para a minha formação na área da História e compreender os estudos da Literatura e a História como não desassociados, partindo da perspectiva levantada por Walter Mignolo no livro “Histórias locais, projetos globais”. Mignolo desenvolve a proposta do pensamento limiar neste livro, uma construção crítica que se encontra entre as ciências humanas e literatura, e contribui para pensar que “a prática literária não seja concebida como objeto de estudo (estético, linguístico ou sociológico), mas como produção de conhecimento teórico”⁵. Partindo da proposta do pensamento limiar para compreender a literatura como espaço de construção também teórico na área da História, a pesquisa também segue o caminho de compreender o Campo dos Estudos Decoloniais e os

³ Tradução minha.

⁴ Tradução minha.

⁵ MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais-projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. p. 297.



Pós-coloniais, onde este flexionam propostas constituídas pela História tradicional de separação de fontes históricas e constroem perspectivas para além do branco europeu como referência⁶.

Com a viagem da Professora Dr.^a Cláudia Mortari⁷ e da doutoranda Ms.^a Tathiana Cassiano⁸, ao acervo do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com financiamento público do Programa de Apoio à Pós-Graduação (PROAP) - CAPES em agosto de 2022 tive a possibilidade de acessar a reimpressão de 1962 da obra *Things Fall Apart*, que se tornou o ponto de partida para o desenvolvimento do TCC. As professoras tiveram acesso à reimpressão da obra na versão capa dura, a jornais nigerianos do período e outros diversos materiais que foram digitalizados e disponibilizados para uso do grupo para fins de pesquisa⁹.

A pesquisa também é situada no Campo dos Estudos Africanos¹⁰, em que as pessoas da

⁶ MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais-projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003; CHAKRABARTY, Dipesh. *Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference*. Princeton University Press, 2000.

⁷ Minha orientadora do TCC e coordenadora do AYA Laboratório.

⁸ Colega do AYA Laboratório, doutoranda do PPGH-UDESC e professora do Departamento de História da UDESC.

⁹ Esse material está sendo organizado pelo grupo de estudantes de graduação Helena Bett Hansen, Luiza Gonzaga Campos Bataline e Aisha Gabriella de Matos Gonçalves que participam do Projeto de Iniciação Científica Modos de ser, ver e viver: o mundo Igbo a partir da escrita de Chinua Achebe (África Ocidental, séc. XX) coordenado pela Professora Cláudia, no qual participei de 2020 a 2024.

¹⁰ O Campo dos Estudos Africanos é aqui entendido como um campo interdisciplinar, logo que muitos dos trabalhos que cercam esta temática se dão também em outras áreas de pesquisa, como a necessidade de um entrelaçamento das disciplinas para o entendimento aprofundado dos contextos de pós-independências africanas, em especial da Nigéria após 1950.



pesquisa a qual venho realizando estão situadas no que Adesanmi e Dunton¹¹ caracterizam como primeira geração de escritores africanos de língua inglesa, onde estes publicaram suas obras no contexto de emancipação dos Estados africanos dos protetorados britânicos na metade do século XX. Grande parte destes intelectuais também se cruzam no contexto de formação na Universidade de Ibadan, espaço que possibilitou a construção de “uma visão crítica ao eurocentrismo e uma postura militante em defesa da identidade africana”¹².

“E nós devemos quebrar no modo cristão”¹³

Em meio a uma família cristã missionária, Chinua Achebe nasceu em 1930 em Ogidi, região que recebeu o missionarismo com bastante cautela no fim do século XIX, que em 1857, trinta e cinco anos antes da chegada na cidade natal de Achebe, havia alcançado a primeira cidade nigeriana. Um processo que Achebe pontua em “A educação de uma criança sob o protetorado britânico” como lento e de resistência por parte das populações locais, onde “o

¹¹ ADESANMI, Pius; DUNTON, Chris. Nigeria's third generation writing: historiography and preliminary theoretical considerations. *English in Africa*, [s.l.], v. 32, n. 1, p. 7-19, 2005, p. 14

¹² MACEDO, José Rivair. A História da África vista pelos Africanos: gênese e desenvolvimento da ‘Escola de Dakar’ (1960-1990). In: FERREIRA, Álvaro Mendes; FORTES, Carolina Coelho; DAFLON, Eduardo Cardoso (Org.), et al. *Problematizando a Idade Média*. Niterói, RJ: Editora da UFF/PPGHISTÓRIA, 2013. p. 144-164.

¹³ Em *A paz dura pouco* (No longer at ease), livro publicado por Achebe em 1960, quando Obi retorna na Inglaterra ele recebe várias pessoas na casa do pai, Okonkwo, e na cerimônia da quebra da noz-de-cola seu pai não concorda com a quebra da noz em nome dos “ídeos”, as divindades igbos, então um dos visitantes, Ogbuefi Odogwu, afirma que a noz deve ser quebrada no modo cristão, em nome do Deus cristão.



cristianismo não se alastrou pela terra dos igbos como um incêndio na mata”¹⁴, não houve um “furacão”¹⁵ de fato.

Chinua Achebe estudou na Universidade de Ibadan em 1948, a partir dos dezoito anos, e nesse meio que se viu, pela primeira, vez percebendo o colonialismo em livros como “Coração das Trevas” de Joseph Conrad. Em que Achebe aborda em seu ensaio “The African Writer and the English language” de 1964, apontando seus primeiros contatos com a literatura Coração das Trevas do polonês Joseph Conrad e como o livro que retrata a chegada de um marinheiro inglês no Congo e transparece, dentre tantos outros preconceitos de Conrad, o racismo¹⁶. Achebe discute em uma entrevista em 1989 como foi esse processo de compreender esse colonialismo na produção literária, de compreender a “ideologia colonial”¹⁷ que essas obras carregavam e como contribuíam para a permanência dessa lógica. Neste mesmo período e impulsionado pela insatisfação com essas produções literárias que Achebe escreveu seu primeiro livro, *Things fall*

¹⁴ ACHEBE, Chinua. *A educação de uma criança sob o Protetorado Britânico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 17.

¹⁵ ACHEBE, Chinua. *A educação de uma criança sob o Protetorado Britânico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 17.

¹⁶ ACHEBE, Chinua. *The African Writer and the English language*. 1964, p. 74-84. In: *Morning yet on creation day: Essays*. Nova Iorque: Anchor Books/Doubleday. 1976.

¹⁷ ACHEBE, Chinua. An interview with Chinua Achebe. [Entrevista concedida a] Charles H. Rowell. Callaloo. The Johns Hopkins University Press, [s.l.], v. 136, n. 1, p. 86-101, 1989b. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2931612>. Acesso em: 10 de janeiro de 2025. p. 101



apart (O mundo se despedaça)¹⁸.

De 1951 a 1954, Chinua Achebe focou na escrita de vários materiais, inclusive do seu primeiro livro *Things Fall Apart*. O processo de alteração do manuscrito que acabou se dividindo nos romances *Things Fall Apart* e *No Longer at Ease* levou até o início de 1957, e no início do ano seguinte Achebe enviou a versão datilografada de *Things Fall Apart* a Gilbert Phelps a procura de um editor na Heinemann¹⁹. A partir de Bejjit, é possível compreender esse momento de busca pela publicação por parte de Achebe como um movimento de tomada de posição política nos movimentos em prol da emancipação do país²⁰. Onde entender a associação com uma editora britânica como uma das formas de tomar espaço e possibilitar a escrita de uma literatura que não perpetuava a “ideologia colonial”²¹.

A noção colocada por Achebe de ideologia colonial toma aqui espaço como possibilidade de compreender esse colonialismo instaurado nas produções europeias sobre as Áfricas, de forma que o racismo ainda se mantinha como instrumento da violência colonial. E como intelectuais

¹⁸ ACHEBE, Chinua. *O mundo se despedaça*. Editora Companhia das Letras, 2009.

¹⁹ ACHEBE, Chinua. An interview with Chinua Achebe. [Entrevista concedida a] Kay Bonetti. University of Missouri. Missouri: *The Missouri Review*, [s.l.], v. 12, n. 1, 1989a. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/411026>. Acesso em: 9 jan. 2025. p. 75.

²⁰ BEJJIT, Nourdin. *A Colonial Affair*. Heinemann Educational Books and the African Market. *Publishing Research Quarterly*, [s.l.], v. 34, n. 2, p. 275-287, 2018. DOI: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12109-018-9580-5>. P. 281.

²¹ ACHEBE, Chinua. An interview with Chinua Achebe. [Entrevista concedida a] Charles H. Rowell. Callaloo. The Johns Hopkins University Press, [s.l.], v. 136, n. 1, p. 86-101, 1989b. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2931612>. Acesso em: 10 de janeiro de 2025. p. 101.



articulados em espaços como o Clube Mbari de Artistas e Escritores de Ibadan propunham formas de combater essa ideologia, como se organizavam e situavam suas produções no combate a essa permanência da violência em regiões africanas, mesmo após os processos de descolonização desses lugares.

Espaços de decisão e lugares de poder

O segundo semestre de 1962 foi marcado por diversos acontecimentos²², entre outras coisas, a integração efetiva de Achebe como editor-chefe da Série de Escritores Africanos da Heinemann, uma das maiores editoras de livros educativos e literatura que circulava pelas escolas na Nigéria no período dos processos de independências dos Estados africanos²³. E participou em junho do mesmo ano na *Conference of African Writers of English Expression*²⁴ (Conferência de Escritores Africanos de Expressão [de língua] Inglesa), que ocorreu na Universidade de Makerere na cidade de Kampala em Uganda. A Conferência foi organizada pelo *Makerere Extra Mural Department* (Departamento Mural Extra de Makerere) e pelo *Mbari Artists and Writers Club of Ibadan* (Clube Mbari de Artistas e Escritores de Ibadan) e

²² Neste período ele lançou o seu segundo livro *No longer at ease* (1962 - A Paz dura pouco na versão brasileira), na versão brochura dentro da Série de Escritores Africanos.

²³ Discuto mais profundamente sobre a inserção de Achebe como editor-chefe da Série no TCC.

²⁴ Para melhor compreensão da discussão vou usar a versão do nome traduzido do evento, Conferência de Escritores Africanos de Expressão [de língua] Inglesa (tradução minha).



patrocinado pelo Congress for Cultural Freedom in Paris²⁵. O organizador da Conferência Es'kia Mphahlele, sul-africano expatriado após o sucesso de sua obra *Down Second Avenue* em 1959²⁶, contou com a contribuição de outros importantes participantes, como Ulli Beier²⁷ que também fazia parte do corpo docente do Departamento Mural Extra de Makerere e foi um dos fundadores do Clube Mbari de Artistas e Escritores de Ibadan²⁸.

Também conhecido como apenas Clube Mbari de Ibadan, o local de encontro ficava “no quintal de um restaurante libanês ao lado de um dos mercados mais movimentados da cidade” (Tradução minha²⁹). Ficando conhecido fora da Nigéria principalmente pela participação de outros artistas como o escritor Wole Soyinka, o músico Fela Kuti, que realizou sua primeira

²⁵ Kalliney discute o financiamento da CIA ao Congress for Cultural Freedom in Paris e as relações dos Estados Unidos na Guerra Fria com os alguns movimentos de descolonização nos territórios africanos. Ver: KALLINEY, Peter. *The Makerere generation: Cold War diplomacy and African literature*. Times Literary Supplement: TLS, Londres, 08 de julho de 2016. p. 15.

²⁶ KALLINEY, Peter. *The Makerere generation: Cold War diplomacy and African literature*. Times Literary Supplement: TLS, Londres, 08 de julho de 2016. p. 15.

²⁷ Conforme o obituário de Ulli Beier, ele foi um alemão judeu que fugiu da com os pais dos Nazistas na Segunda Guerra e foi estudar arqueologia e literatura inglesa na antiga região da Palestina. Transitou por vários países, mas chegou a passar alguns anos dando aula na Universidade de Ibadan e na sequência no Makerere Extra Mural Department.

²⁸ ULLI Beier. The Telegraph. 11, maio, 2011. Obituaries. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/news/obituaries/8508079/Ulli-Beier.html> Acesso em: 10 de fevereiro de 2025.

²⁹ No original: in the courtyard of a Lebanese restaurant beside one of the city's busiest markets. Disponível em: ULLI Beier. The Telegraph. 11, maio, 2011. Obituaries. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/news/obituaries/8508079/Ulli-Beier.html> Acesso em: 10 de fevereiro de 2025.



apresentação como líder da banda The Fela Ransome-Kuti Quintet³⁰ e do próprio Chinua Achebe.

O Clube recebeu esse nome por indicação de Achebe, que desenvolveu o conceito em alguns de seus ensaios, a partir da cerimônia Mbari. Uma prática feita pelos igbos, população que ocupa parte leste da região da Nigéria e a qual Achebe pertence, em homenagem à figura mais importante em sua cosmovisão, a Deusa Ala ou Ani³¹, divindade da terra, da criatividade e da moralidade, da arte e da biologia³². A cerimônia consiste na escolha da deusa, através do seu representante, entre os membros da comunidade, tendo como objetivo construir imagens que representassem a vida, “cenar de deveres religiosos, de tarefas e distrações cotidianas e até mesmo de escândalos na vila” (Tradução minha³³). As pessoas escolhidas para a tarefa não eram os artistas da comunidade, mas sim pessoas comuns que à primeira vista nada tinham a ver com a arte, mas, como Achebe coloca: “todo mundo tem alguma arte dentro de si, a arte é feita para a comunidade, a comunidade está envolvida” (Tradução minha³⁴). Era dever do artista dentro

³⁰ ULLI Beier. The Telegraph. 11, maio, 2011. Obituaries. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/news/obituaries/8508079/Ulli-Beier.html> Acesso em: 10 de fevereiro de 2025; THE AFRIKA SHRINE. Fela Kuti site oficial. Legacy. Disponível em: <https://felakuti.com/us/legacy/new-afrika-shrine>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2025.

³¹ Achebe pontua em entrevista concedida a Charles H. Rowell em 1989 o uso dos dois nomes pelos igbos para se referenciar a Deusa.

³² *Morning yet on creation day: Essays*. Nova Iorque: Anchor Books/Doubleday. 1976. P. 28.

³³ No original: scenes of religious duty, of day-to-day tasks and diversions, and even of village scandal. Disponível em: *Morning yet on creation day: Essays*. Nova Iorque: Anchor Books/Doubleday. 1976. P. 29.

³⁴ No original: Everybody has some art in them, art is made for the community, the community is involved. Disponível em: ACHEBE, Chinua. An interview with Chinua Achebe. [Entrevista concedida a] Kay Bonetti.



da cerimônia ensinar aos escolhidos a produção das imagens, assim como o auxílio na construção de uma casa/templo para onde essas esculturas, na maioria das vezes feita em barro em homenagem à Deusa, fossem colocadas no fim da cerimônia³⁵.

Achebe afirma que a prática do mbari podia levar de semanas até podendo chegar a dois anos, e o restante da vila provia o necessário para as pessoas que ficavam reclusas nos estudos e produções das esculturas em homenagem à Deusa, pois a prática da cerimônia levava ao benefício de toda a comunidade³⁶. E após a conclusão das esculturas, a construção da casa/tempo e montagem das esculturas dentro desta, era escolhido um dia para a comemoração do mbari, com festa, música e dança, onde seriam apresentadas as esculturas dentro da casa. Achebe amplia ainda mais o significado quando afirma que os papéis de espectador e arte são invertidos, onde quem dança e canta são as pessoas no centro da casa que vieram para celebrar as esculturas e pinturas imóveis, que repousam nos suportes ao redor da casa e nas suas paredes³⁷.

Inspirado por essa celebração, que por volta de julho 1961 Achebe ligou para Ulli Beier com a ideia de dar o nome ao clube de artistas e escritores que estavam pretendendo formar, com Christopher Okigbo, Wole Soyinka, Es'kia Mphahlele e outros, de Clube Mbari de

University of Missouri. Missouri: The Missouri Review, [s.l.], v. 12, n. 1, 1989a. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/411026>. Acesso em: 9 jan. 2025. p 78.

³⁵ ACHEBE, Chinua. *A educação de uma criança sob o Protetorado Britânico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 109-112.

³⁶ *Morning yet on creation day: Essays*. Nova Iorque: Anchor Books/Doubleday. 1976. p. 29.

³⁷ ACHEBE, Chinua. *The education of a British-protected child: essays*. 1. ed. Nova Iorque: Penguin Random House, 2010. p. 113.



Artistas e Escritores de Ibadan³⁸. A premissa partia de encorajar novos artistas, “especialmente os escritores de língua inglesa que estavam começando a surgir com a ajuda de Black Orpheus³⁹” (Tradução minha⁴⁰). De acordo com Yesufu, o Clube Mbari de Ibadan tinha a intenção de promover o desenvolvimento da literatura africana através da disponibilização dos materiais em preços mais acessíveis, e não era necessariamente preocupado com um contexto comercial por si só, principalmente por isso buscava novos autores⁴¹. A estratégia de ampliar o escopo de artistas participantes do Clube também é possível de ser compreendida como forma de combate a ideologia colonial instaurada nas narrativas já colocadas sobre as produções sobre os contextos africanos. Ampliar as visões sobre África a partir de olhares múltiplos caracteriza essa estratégia

³⁸ EZENWA-OHAETO, Chinua. *Chinua Achebe: a biography*. Bloomington, Indiana: Indiana University Press, 1997. P. 84; YESUFU, Abdul R. Mbari Publications: a pioneer Anglophone African publishing house. *The African Book Publishing Record*, [s.l.], v. 8, n. 2, p. 53-57, 1982. DOI: <https://doi.org/10.1515/abpr.1982.8.2.53>. P. 53

³⁹ Revista fundada em 1957 por Ulli Beier e Janheinz Jahn. Yesufu, Abdul R. “Mbari Publications: a pioneer Anglophone African publishing house” *The African Book Publishing Record*, v. 8, n. 2, p. 53. 1982. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/abpr.1982.8.2.53>.

⁴⁰ No original: especially the English-speaking writers who were just then beginning to emerge through the help of Black Orpheus. Disponível em: Yesufu, Abdul R. “Mbari Publications: a pioneer Anglophone African publishing house” *The African Book Publishing Record*, v. 8, n. 2, p. 53. 1982. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/abpr.1982.8.2.53>. P. 55.

⁴¹ No original: especially the English-speaking writers who were just then beginning to emerge through the help of Black Orpheus. Disponível em: Yesufu, Abdul R. “Mbari Publications: a pioneer Anglophone African publishing house” *The African Book Publishing Record*, v. 8, n. 2, p. 53. 1982. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/abpr.1982.8.2.53>. P. 55. p. 56.



de Achebe e outros intelectuais de evidenciar noções outras do ser, contribuindo para uma construção de espaços de saber também múltiplos.

Imagem 1 - Clube Mbari de Artistas e Escritores de Ibadan



Fonte: The Mbari Artists & Writers Club, photographer unknown, Ibadan, Nigeria. Reprodução de *Fostering creativity: Mbari Artists' and Writers' Club* por Connie Karol Burks, agosto de 2022, apud Harry Ransome Centre, University of Texas, Austin

A imagem a cima, de fotógrafo sem identificação, é uma das poucas disponíveis na internet da parte externa do Clube, e mostra os murais feitos por Uche Okeke enquanto o artista era estudante da Nigerian College of Arts, Science and Technology em Zaria por volta de



1961⁴². As paredes do espaço foram desenvolvidas por Okeke a partir da arte uli, uma forma artística tradicional dos igbos, e que tem como proposta o encontro entre a produção artística do período e a tradição, onde as estéticas convergem e se somam para a criação de algo novo⁴³.

O Clube servia como espaço para desenvolver as relações de seus integrantes. Servia como “uma combinação de bar, restaurante, espaço de galeria e performance, biblioteca, e editora⁴⁴. Podemos ter uma noção do espaço de performances no que Soyinka comenta

descobrimos que o teatro Mbari é realmente um assassino, um assassino de peças. Não se pode fazer muita coisa devido ao barulho contínuo de fundo, sabe como é: táxis, radiogramas tocando. É terrível, mas produzimos duas peças lá recentemente. Oh, foi terrível, do ponto de vista do público, distrai demais. Mas o que estamos tentando fazer é incentivar todos os tipos de companhias de teatro a irem e ensaiarem lá ou fazerem seus testes lá (Tradução minha⁴⁵).

Além de peças de teatro, os shows também aconteciam no espaço do Clube Mbari, onde

⁴² KELLY, Bernice M. et al. *Nigerian artists: a who's who & bibliography*. Londres: Hans Zell Publishers, 1993. p. 361; SUHR-SYTSMA, Nathan. *Mbari Publications and the CIA*. 2017. p. 60–74. In: *Poetry, Print, and the Making of Postcolonial Literature*, Cambridge: Cambridge University Press. 2017. p. 62.

⁴³ SUHR-SYTSMA, Nathan. *Mbari Publications and the CIA*. 2017. p. 60–74. In: *Poetry, Print, and the Making of Postcolonial Literature*, Cambridge: Cambridge University Press. 2017. p. 60–63.

⁴⁴ KALLINEY, Peter. *The Makerere generation: Cold War diplomacy and African literature*. Times Literary Supplement: TLS, Londres, 08 de julho de 2016. p. 15.

⁴⁵ No original: Mbari theatre, we have found, is really a killer, a play killer. You cannot do a lot because of continuous background noise, you know: taxis, radiograms blaring. It is terrible, but we have produced two plays there recently. Oh it was terrible, from the point of view of audience, too distracting. But what we are trying to do is to encourage all sorts of theatre companies to come and rehearse there or have their tryouts there. Disponível em: SOYINKA, Wole. *African writers talking*. [entrevista concedida a] Es'kia Mphahlele. Lagos, 1962b. In: PIETERSE, Cosmo; DUERDEN, Dennis (Org.). *African Writers Talking: A Collection of Radio Interviews*. Africana Publishing Corporation, 1972. p. 171–178. Disponível em: <https://archive.org/details/africanwritersta0000piet/mode/1up>. Acesso em: 10 de jan de 2024. P. 170.



Fela Kuti, que na época desenvolvia o estilo musical *afrobeat* que o tornou mundialmente conhecido, fez seu primeiro show com o grupo The Fela Ransome-Kuti Quintet, e posteriormente tocou diversas vezes com a sua próxima banda, os Koola Lobitos. Principalmente por ser primo de Soyinka, o que o fazia estar bastante presente no Clube Mbari⁴⁶.

Soyinka conta em tom de brincadeira em uma entrevista que concedeu em 1962 que o Clube Mbari “é um grupo de indivíduos entre os quais, presumivelmente, pode não haver mais do que duas pessoas que se importam com o trabalho uma da outra” (Tradução minha⁴⁷). Mas destaca que o “importante é ter um centro para o qual as pessoas são trazidas, que estão interessadas no que o núcleo central está fazendo e que podem se encontrar e beber e, sabe, continuar com seu trabalho e colaborar sempre que possível com talentos tão diversificados” (Tradução minha⁴⁸).

⁴⁶ ULLI Beier. The Telegraph. 11, maio, 2011. Obituaries. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/news/obituaries/8508079/Ulli-Beier.html> Acesso em: 10 de fevereiro de 2025; THE AFRIKA SHRINE. Fela Kuti site oficial. Legacy. Disponível em: <https://felakuti.com/us/legacy/new-afrika-shrine>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2025.

⁴⁷ No original: it's a group of individuals amongst whom presumably there mightn't even be more than two people who give a damn for each other's work. Disponível em: SOYINKA, Wole. African writers talking. [entrevista concedida a] Es'kia Mphahlele. Lagos, 1962b. In: PIETERSE, Cosmo; DUERDEN, Dennis (Org.). African Writers Talking: A Collection of Radio Interviews. Africana Publishing Corporation, 1972. p. 171-178. Disponível em: <https://archive.org/details/africanwritersta0000piet/mode/1up> . Acesso em: 10 de jan de 2024. P. 176.

⁴⁸ No original: but the important thing is to have a centre to which people are brought, who are just interested in what the central core are doing and who can meet and drink and, you know, just get on with their work and collaborate whenever it is possible with such diversified talents. Disponível em: SOYINKA, Wole. African writers



Essa colocação de Soyinka mostra que mesmo sendo um lugar de apoio às parcerias e a outros artistas, muitas das vezes os trabalhos desenvolvidos pelos participantes caminhavam por estilos e propostas bem distintas. Dessa forma, nos faz complexificar as relações das pessoas que faziam partes destes clubes, entendendo que apesar de terem uma proposta em comum de criar um espaço de apoio para construir suas artes, antes de tudo, são pessoas distintas e que produzem e pensam para além de uma única proposta de ser e viver. Sendo possível a partir da ampliação do olhar sobre o continente africano, “perceber as Áfricas como um universo histórico-cultural diverso e complexo”⁴⁹.

O Clube Mbari de Artistas e Escritores de Ibadan e o *Makerere Extra Mural Department* (Departamento Mural Extra de Makerere), financiados pelo *Congress for Cultural Freedom* in Paris, em junho de 1962 promoveram a Conferência de Escritores Africanos de Expressão [de língua] Inglesa⁵⁰. O evento foi realizado pelo escritor sul-africano Es’kia Mphahlele e aconteceu do dia oito ao 18 de junho de 1962, na cidade de Kampala em Uganda,

talking. [entrevista concedida a] Es’kia Mphahlele. Lagos, 1962b. In: PIETERSE, Cosmo; DUERDEN, Dennis (Org.). *African Writers Talking: A Collection of Radio Interviews*. Africana Publishing Corporation, 1972. p. 171-178. Disponível em: <https://archive.org/details/africanwritersta0000piet/mode/1up>. Acesso em: 10 de jan de 2024. P. 176.

⁴⁹ MORTARI, Claudia. O “equilíbrio das histórias”: reflexões em torno de experiências In: PAULA, Simoni Mendes de; CORREA, Sílvio Marcus de Souza. (Org.). *Nossa África: ensino e pesquisa*. São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 41-53. Disponível em: <https://ayalaboratorio.files.wordpress.com/2017/09/mortari-claudia-o-e2809cequilc3adbrio-das-histc3b3riase2809d-reflexc3b5es-em-torno-de-experic3aancias.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2024. P. 45

⁵⁰ BEJJIT, Nourdin. *The Publishing of African Literature: Chinua Achebe, Ngugi Wa Thiong'o and the Heinemann African Writers Series 1962-1988*. United Kingdom: Open University, 2009, p. 118



da Universidade de Makerere. A conferência contou com a presença de diversos⁵¹ escritores convidados “do Leste, do Oeste e do Sul do continente”⁵². Para Ngũgĩ wa Thiong’o, definir a literatura africana a partir de uma conferência que apreendia apenas escritores que publicavam seus livros em inglês constitui os mesmos traços colonialistas da conferência de partilha da África pelos Europeus em 1884.

A conferência tinha a proposta de reunir o crescente número de escritores para levantar e propor resoluções para questões que eram muito caras para seus participantes. Uma das principais, “que tentamos fazer e não conseguimos: definir satisfatoriamente a ‘literatura africana’” (tradução minha⁵³). Achebe também elenca outros pontos levantados que poderiam caracterizar essa dada literatura africana:

Era literatura produzida na África ou sobre a África? A literatura africana poderia ser sobre qualquer assunto ou deveria ter um tema africano? Deveria abranger todo o continente ou o sul do Saara, ou apenas a África Negra? E então a questão do idioma. Deve ser em idiomas africanos indígenas ou deve incluir árabe, inglês, francês,

⁵¹ A saber: Chinua Achebe, John Pepper Clark, Gabriel Okara, Christopher Okigbo, Wole Soyinka, Donatus Nwoga, Kofi Awoonor, Elizabeth Spio-Garbrah, Cameron Duodu, ESKIA Mphahlele, Bloke Modisane, Arthur Maimane, Grace Ogot, John Nagenda, Rebecca Njau, Langston Hughes, Saunders Redding, Arthur Drayton of Trinidad, Barry Reckord, Amadou Samb, Paulin Joachim, Yemi Lijadu, Frances Ademola, Segun Olusola, Lewis Nkosi, Denis Duerdin, Neville Rubin, Philip Segal e Rajat Neogy. FONLON, Bernard. African writers meet in Uganda. *Abbia*, v. 1, p. 39-40, 1963.

⁵² FONLON, Bernard. African writers meet in Uganda. *Abbia*, v. 1, p. 39-40, 1963. P. 39.

⁵³ No original: we tried to do and failed—that was to define “African literature” satisfactorily. Disponível em: In: *Morning yet on creation day: Essays*. Nova Iorque: Anchor Books/Doubleday. 1976, p. 74.



português, africâner, etc.? (tradução minha⁵⁴).

A partir das obras literárias, entrevistas e ensaios de Achebe é possível entender que ele compreende o inglês como uma língua mutável, e que absorve o contexto e é alterada por ele.

Bom, eu acho que foi uma das primeiras coisas que tive clara em minha mente quando comecei a ‘brincar’ com ficção, que eu teria que achar uma linguagem que não existia naquele tempo. Você tem que pontuar muito bem – porque não era reconhecido. Você tem que ir e pesquisar até encontrar um meio que conversem entre o Igbo e o inglês. Essas duas línguas se sugam e tentam achar um modo de se expressar, um moderador de pensamentos. Isso é algo muito animador de se fazer, uma coisa muito difícil (Tradução minha⁵⁵).

Para Achebe, o inglês é “o idioma que eu escrevo. E, portanto, ele vem fortalecido por sua experiência do encontro comigo” (tradução minha⁵⁶). No âmbito africano onde o uso de

⁵⁴ No original: Was it literature produced in Africa or about Africa? Could African literature be on any subject, or must it have an African theme? Should it embrace the whole continent or south of the Sahara, or just Black Africa? And then the question of language. Should it be in indigenous African languages or should it include Arabic, English, French, Portuguese, Afrikaans, et cetera? Disponível em: In: *Morning yet on creation day: Essays*. Nova Iorque: Anchor Books/Doubleday. 1976, p. 74.

⁵⁵ No original: [Well I think that is one of the first things that I got clear in my mind when I began to play around with fiction, that I had to find a language and it was not in existence at the time. You have put it very well – it wasn’t to be taken for granted. You had to go on and search until you found a way through the conversation of English and Igbo. The two languages stuck into each other and tried to find a way to express through one, the medium of the thoughts. That’s a very exciting thing to do, a very difficult thing to do. Disponível em: ACHEBE, Chinua. No Condition is Permanent. [Entrevista concedida a] Holger Ehling. Holger Ehling Blog, dezembro de 2002. Acesso em: 6 jan. 2024. P. 12.

⁵⁶ No original: The language I write in. And, therefore, it comes empowered by its experience of the encounter with me. Disponível em: ACHEBE, Chinua. An interview with Chinua Achebe. [Entrevista concedida a] Charles H. Rowell. Callaloo. The Johns Hopkins University Press, [s.l.], v. 136, n. 1, p. 86-101, 1989b. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2931612>. Acesso em: 10 de janeiro de 2025. p. 95.



mais de 550 línguas⁵⁷ se espalha pelo país e em alguns casos como o hausa ultrapassa essa fronteira nacional⁵⁸, o contato do inglês com esse ambiente multilinguista é entendido como flexibilizador e que o torna diferente do inglês falado em Londres, em Achebe coloca “um inglês que teve este encontro particular não pode ser o mesmo que o inglês que Kingsley Amis escreve em Londres. Portanto, isto é algo com o qual os membros da metrópole têm que lidar, e nem sempre gostam” (tradução minha⁵⁹).

O processo colonial e o modelo de história científico que se baseava em premissas racistas e de classificação linguística para constituir identidades de um povo contribuiu para que o entendimento de que uma língua pura e imutável estivesse associada a essas nações europeias⁶⁰. A complexificação feita por Achebe quando afirma “porque nós coloniais e ex-coloniais chegamos à língua inglesa com toda uma bagagem de experiências peculiares que a pessoa inglesa não tem. Foi isso que fez da língua inglesa, em nosso tempo, uma força tão poderosa na

⁵⁷ BLENCH, Roger. *An atlas of Nigerian languages*. Oxford: Kay Williamson Educational Foundation, 2012. p. xxi

⁵⁸ ACHEBE, Chinua. *An interview with Chinua Achebe*. [Entrevista concedida a] Charles H. Rowell. Callaloo. The Johns Hopkins University Press, [s.l.], v. 136, n. 1, p. 86-101, 1989b. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2931612>. Acesso em: 10 de janeiro de 2025. p. 95.

⁵⁹ No original: *An English which has had this particular encounter cannot be the same as the English of Kingsley Amis writing in London. So this is something which the members of the metropolis have to deal with, and they don't always like it. But it is not really something for me to worry about. I know some people who are worried, and they say, “Look what they are doing to my language!” They are horrified.* Disponível em: ACHEBE, Chinua. *An interview with Chinua Achebe*. [Entrevista concedida a] Charles H. Rowell. Callaloo. The Johns Hopkins University Press, [s.l.], v. 136, n. 1, p. 86-101, 1989b. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2931612>. Acesso em: 10 de janeiro de 2025. p. 94.

⁶⁰ GEARY, Patrick J. *O Mito das Nações: a invenção do nacionalismo*. São Paulo: Conrad, 2005. p. 31-47



literatura” (tradução minha⁶¹), reformula esta perspectiva, possibilitando novas formas de compreensão do que se entende por língua, identidade e a não-imutabilidade dessas duas coisas.

Apesar disso, o posicionamento quanto a questão da língua não é unânime por parte dos intelectuais africanos, isso é percebido quando Ngũgĩ wa Thiong’o, em seu livro em 1986 *Decolonising the Mind*⁶², faz uma crítica ao posicionamento de Achebe, que parte principalmente do que cada um entende sobre a relação com a língua colonial/nacional. Ngũgĩ questiona: “Qual foi o caminho percorrido desde Berlim, em 1884, através de Makerere, em 1962, até o que ainda é a lógica que prevalece e domina cem anos depois?”⁶³. E continua ao questionar também em que a língua dominante determina a literatura usada nas escolas e, assim, reforça seu lugar de dominância na estrutura colonial, e exclui práticas como a tradição da

⁶¹ No original: Because we colonials and excolonials come to the English language with a whole baggage of peculiar experiences which the English person doesn't have. This is what has made the English language, in our time, such a powerful force in literature. This is why we're talking about the Caribbean literature and about African literature. Disponível em: ACHEBE, Chinua. An interview with Chinua Achebe. [Entrevista concedida a] Charles H. Rowell. Callaloo. The Johns Hopkins University Press, [s.l.], v. 136, n. 1, p. 86-101, 1989b. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2931612>. Acesso em: 10 de janeiro de 2025. p. 39.

⁶² No mesmo livro, que se tornou um dos seus livros teóricos mais famosos, ele escreveu uma nota de declaração no início que afirmava: “este livro, *Decolonising the Mind*, é minha despedida do inglês como veículo para qualquer um de meus escritos. De agora em diante, será Gikuyu e Kiswahili até o fim” NGŪGĨ, wa Thiong'o. *Decolonising the mind: The politics of language in African literature*. Nairobi, Quênia: East African Publishers, 1986, p. xiv. A partir de lá, Ngugi não publicou novas literaturas e produções escritas em inglês, mas manteve o já publicado em circulação BEJJIT, Nourdin. *The Publishing of African Literature: Chinua Achebe, Ngugi Wa Thiong'o and the Heinemann African Writers Series 1962-1988*. United Kingdom: Open University, 2009, p. 189.

⁶³ NGŪGĨ, wa Thiong'o. *Decolonising the mind: The politics of language in African literature*. Nairobi, Quênia: East African Publishers, 1986, p. 9



literatura oral⁶⁴.

É importante ter em mente que esses posicionamentos de Achebe e Ngũgĩ não anulam um ao outro, mas constituem perspectivas múltiplas sobre o que é literatura e o que é identidade. Compreender dessa forma o posicionamento destes intelectuais possibilita construção de novas perspectivas sobre os Estudos Africanos que fuja de paradigmas coloniais e racistas da historiografia tradicional.

Posteriormente Achebe defende que qualquer forma de definição da literatura africana que acabasse deixando de lado alguma complexidade das produções estava “fadada ao fracasso” (tradução minha⁶⁵). Esse posicionamento pode ser compreendido aqui como uma perspectiva daquilo que colocou como combate a ideologia do colonizador, onde “não é possível encaixar a literatura africana em uma definição pequena e simples. Não vejo a literatura africana como uma unidade, mas como um grupo de unidades associadas” (tradução minha⁶⁶). Entender a escrita literária no contexto de emancipação desses Estados nacionais em África torna com uma possibilidade de ver a história a partir de lugares que foram negados pela História, para compreender aquilo que Mortari (2016) pontua, que a literatura é profundamente atravessada

⁶⁴ NGŨGĨ, wa Thiong'o. *Decolonising the mind: The politics of language in African literature*. Nairobi, Quênia: East African Publishers, 1986, p. 12.

⁶⁵ No original: is doomed to failure. Disponível em: Morning yet on creation day: Essays. Nova Iorque: Anchor Books/Doubleday. 1976, p. 75.

⁶⁶ No original: you cannot cram African literature into a small, neat definition. I do not see African literature as one unit but as a group of associated units. Disponível em: Morning yet on creation day: Essays. Nova Iorque: Anchor Books/Doubleday. 1976, p. 74.



pelas intencionalidades, pela vida, escolhas e “por sua visão e seus sentidos da história”⁶⁷.

Principalmente por que essa forma de ver a História das Áfricas de forma hegemônica é uma noção baseada no processo de racialização de pessoas, que partiu do “colonialismo [que] era essencialmente uma negação da dignidade humana e do valor do ser humano” (grifo meu⁶⁸). Mas, Achebe nos dá também uma saída, onde ele mostra ser possível construir narrativas sobre e a partir de pessoas marcadas pela colonialidade a partir de outro lugar: “contudo, o que é grandioso no seu humano é a nossa capacidade de enfrentar e vencer a adversidade, não nos deixando definir por ela, nos recusando a ser apenas seu agente ou sua vítima”⁶⁹.

Considerações finais

Apesar de não ter sido possível chegar em uma conclusão que todos concordassem enquanto ao significado de uma “literatura africana”, Achebe coloca que nenhuma conferência como aquela havia acontecido antes. Principalmente pelas circunstâncias, em que parte dos escritores eram de países que recém haviam se emancipado enquanto estados nacionais

⁶⁷ MORTARI, Claudia. O “equilíbrio das histórias”: reflexões em torno de experiências In: PAULA, Simoni Mendes de; CORREA, Sílvia Marcus de Souza. (Org.). *Nossa África: ensino e pesquisa*. São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 41-53. Disponível em: <https://ayalaboratorio.files.wordpress.com/2017/09/mortari-claudia-o-e2809cequile3adbrio-das-histc3b3riase2809d-reflexc3b5es-em-torno-de-experic3aancias.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2024. p. 52

⁶⁸ ACHEBE, Chinua. *A educação de uma criança sob o Protetorado Britânico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 31.

⁶⁹ ACHEBE, Chinua. *A educação de uma criança sob o Protetorado Britânico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 31.



modernos, e outros que estavam nos processos de independências⁷⁰. Segundo o escritor “todos éramos tão jovens, tão novos nas nossas empreitadas, tão cheios de zelo e otimismo (tradução nossa⁷¹). John Nagenda em uma entrevista que concedeu durante a Conferência, destaca que “enquanto conversávamos [com os autores], enquanto discutimos essas muitas questões apresentadas na pauta da conferência, isso também me permitiu ver do que se trata essa escrita e como avaliá-la” (tradução minha⁷². Grifo meu). Podemos entender o ocupar desses diversos lugares como uma forma de estratégia desses intelectuais de conquista de espaços com novas propostas na construção desses Estados Nacionais. Estes que são entendidos por Achebe a partir de que:

Contudo, o fato é que a Nigéria foi criada pelos britânicos — para seus próprios fins. Vamos dar ao diabo o que lhe é devido: o colonialismo na África desorganizou muitas coisas, mas criou grandes unidades políticas onde antes havia unidades pequenas e dispersas. A Nigéria tinha centenas de comunidades autônomas que variavam em tamanho, desde o vasto Império Fulani fundado por Usman dan Fodio no norte até pequenas entidades de vilarejos no leste. Hoje é um único país (tradução minha⁷³).

⁷⁰ ACHEBE, Chinua. *The education of a British-protected child: essays*. 1. ed. Nova Iorque: Penguin Random House, 2010. p. 113. p. 54

⁷¹ No original: We were all so young, so new to our task, so full of zeal and optimism. Disponível em: ACHEBE, Chinua. *The education of a British-protected child: essays*. 1. ed. Nova Iorque: Penguin Random House, 2010. p. 113. p. 54.

⁷² No original: as we discussed these many things featured on the conference agenda, it also enabled me to see what this writing is about and how to evaluate it. Disponível em: NAGENDA, John. *African writers talking*. [entrevista concedida a] Lewis Nkosi. 1962. Cambridge. In: PIETERSE, Cosmo; DUERDEN, Dennis (Org.). *African Writers Talking: A Collection of Radio Interviews*. Africana Publishing Corporation, 1972. p. 134-139. Disponível em: <https://archive.org/details/africanwritersta0000piet/mode/1up> . Acesso em: 08 de jan de 2024, p. 115.

⁷³ No original: Yet the fact remains that Nigeria was created by the British—for their own ends. Let us give the devil his due: colonialism in Africa disrupted many things, but it did create big political units where there were



É possível desenvolver sobre essa perspectiva de Chinua Achebe a partir de um aprendizado que tive com a Professora Cláudia em aulas e conversas informais, onde ela sempre coloca a indagação: “e o que vamos fazer com isso?” Para Achebe, já estava colocado que naquele momento eram um único país, mas e agora? Quem são as pessoas que estão nos lugares de poder para enfrentar os fins que o colonialismo britânico colocou quando reuniu essas diversas comunidades autônomas? No meu entendimento é a por este caminho que se forma a estratégia de se colocar nesses lugares, tanto para Chinua Achebe quanto para os outros integrantes destes espaços.

Por isso entendo como uma estratégia ativa desses intelectuais, de se colocar nesses lugares como o Clube Mbari e a Conferência de Escritores de Língua Inglesa e ocupar também espaços de decisão que pudessem contribuir para uma mudança na ideologia colonial. Como Mbembe coloca, o colonialismo se deu para reforçar as diferenças sociais de modo que verificasse o racismo, para impedir os processos de emancipação e luta por liberdade em África. Pois esse andava de mãos dadas com o conceito de sociedade civilizada, e nas colônias essa era a justificativa dada pelos aparatos coloniais para impedirem a emancipação, pois o não civilizado era também visto como não autônomo⁷⁴. Se colocar nesses lugares de poder significava agir

small, scattered ones before. Nigeria had hundreds of autonomous communities ranging in size from the vast Fulani Empire founded by Usman dan Fodio in the north to tiny village entities in the east. Today it is one country. Disponível em: Morning yet on creation day: Essays. Nova Iorque: Anchor Books/Doubleday. 1976. p. 77.

⁷⁴ MBEMBE, Achille. Abertura do mundo e ascensão em humanidade. In: MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite: ensaios sobre a África descolonizada*. Angola: Edições Mulemba; Portugal: Edições Pedago, 2014. p. 57-60



ativamente para a mudança dessa ideologia colonial, em que subverte “a existência de uma hierarquia epistêmica que coloca os conhecimentos ocidentais num local privilegiado em relação ao conhecimento e às cosmologias não ocidentais”⁷⁵.

⁷⁵ MORTARI, Claudia. O “equilíbrio das histórias”: reflexões em torno de experiências In: PAULA, Simoni Mendes de; CORREA, Sílvia Marcus de Souza. (Org.). *Nossa África: ensino e pesquisa*. São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 41-53. Disponível em: <https://ayalaboratorio.files.wordpress.com/2017/09/mortari-claudia-o-e2809cequile3adbrio-das-histc3b3riase2809d-reflexc3b5es-em-torno-de-experic3aancias.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2024. P, 59-50